



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ELLEN SANTOS CARNEIRO

**ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA APLICADA EM CAPAS DE LIVROS
INFANTIS**

ABAETETUBA-PA
2021

ELLEN SANTOS CARNEIRO

**ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA APLICADA EM CAPAS DE LIVROS
INFANTIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada Plena em Letras – Habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Professor Me. José Eduardo Pastana Silva.

ABAETETUBA-PA

2021

ELLEN SANTOS CARNEIRO

Banca examinadora

Prof. Me. José Eduardo Pastana Silva
Orientador – UFPA

Prof. Dr. Robson Borges Rua
Examinador – UFPA

Apresentado em: __ / __ / _____

Conceito: _____

ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA APLICADA EM CAPAS DE LIVROS INFANTIS

Ellen Santos Carneiro¹

José Eduardo Pastana Silva²

Resumo: O presente trabalho tem como tema a análise semiótica peirciana que trata dos signos e suas relações. O objetivo geral é aplicar a teoria semiótica peirciana em duas capas de livros infantis que abordam a temática da morte. A pesquisa justifica-se de forma relevante pelo fato de que qualquer fenômeno pode ser analisado e considerado um signo, desde que haja significação e produção de sentido para quem interpretará. Desta feita, a metodologia desta pesquisa será baseada nos estudos de Peirce (2005), Santaella (2004), Coelho Netto (1980), Foucault (1988) e Marcuschi (2007). O *corpus* será constituído por duas capas de livros infantis que abordam a temática da morte, as quais foram analisadas semioticamente de acordo com as categorias de Peirce, focando na segunda divisão do signo em relação ao objeto, especificamente na tríade de: ícone, índice e símbolo.

Palavras-chave: Semiótica. Signo. Capas de livro.

Abstract: This paper is about the Peirce semiotics analyse which treats the signs and their relations. The main goal is to apply the semiotics theory on two children book covers related to the death. The research is relevant because of the phenomenal which can be analysed and considered a sign, since there is meaning and sense production to the one who will understand. This way, the methodology is based on Peirce (2005), Santaella (2004), Coelho Netto (1980), Foucault (1988) e Marcuschi (2007). the object will be two children book covers which were analysed semiotically according to the Peirce categories, focusing on the second division of the sign related to its object: Iconical, indicial and symbolical aspects.

Keywords: Semiotics. Sign. Book covers.

1 INTRODUÇÃO

A semiótica norte-americana de Peirce é uma ciência que estuda os processos de comunicação entre os indivíduos, buscando compreender como se dá a produção de sentido e de significação dos signos. Nesse sentido, um texto, uma fotografia, pintura, som, cheiro, são (signos) linguagens em que cada uma delas são passíveis

¹ Graduanda do Curso de Letras-Língua Portuguesa/2016 pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Abaetetuba.

² Graduado em Letras (Habilitação em Inglês e Português) pela Universidade federal do Pará. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Docente na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

de diversas interpretações, pois em cada pessoa gerará um sentido, de acordo com sua experiência de mundo. Em vista disso, as crianças, assim como os adultos, possuem formas particulares de visualizar as coisas em sua volta, elas são bastante visuais. Portanto, interpretar os signos existentes em uma capa de um livro favorece, dentre tantas coisas, o letramento visual, além de contribuir para a formação de cidadãos críticos. Desse modo, as capas de livros infantis são elementos compostos por ilustrações que podem dizer muita coisa referente ao seu conteúdo, cumprindo assim, o seu papel de comunicação, pois a comunicação ocorre também através de imagens.

Nesse contexto, a relevância deste estudo se justifica pela possibilidade de trabalhar as linguagens (signos) não verbais com crianças por meio de capas de livros infantis, baseando-se nos três elementos das categorias semióticas peirciana. Além disso, a pesquisa contribui com os estudos dos pesquisadores dessa teoria científica. Também é de grande importância para a comunidade em geral, pois se pretende conscientizar os indivíduos para um olhar mais sensível e valoroso ao se deparar com a capa de um livro, porque as imagens são formas de expressar a linguagem, sendo capazes de transmitir mensagens tão importantes e que às vezes as pessoas não param para contemplar. Além do mais, é perceptível que as imagens também possuem o poder de persuasão. Afinal, quem nunca se interessou em comprar um livro desconhecido ou até mesmo comprou motivado pela ilustração da capa que chamou atenção?

Diante dos fatos mencionados, as duas capas foram escolhidas e analisadas conforme as categorias de Peirce com o intuito de responder o seguinte questionamento: como se dá o processo de representação dos signos nas capas de livros infantis que abordam a temática da morte?

Assim, o objetivo geral da presente pesquisa é aplicar a teoria semiótica peirciana em duas capas de livros infantis que abordam a temática da morte. Para isso, foram traçados os seguintes objetivos específicos: ler e discutir sobre a importância do gênero textual na capa de livro como meio de comunicação; compreender os principais conceitos em semiótica americana e sua relação triádica de: ícone, índice e símbolo, e por fim, interpretar as imagens das capas dos livros “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” (Glenn Ringtved) e “O livro do adeus” (Todd Parr), de acordo com a semiótica peirciana.

Portanto, para compreender como ocorre esse processo, a metodologia deste trabalho foi orientada por uma pesquisa de caráter descritivo, buscando aplicar a teoria semiótica peirciana no gênero capa de livro. Para tanto, as bases teóricas principais que fundamentam o desenvolvimento deste estudo são: o próprio fundador da teoria, Peirce (2005), seguido dos estudos semióticos de Santaella (2004), Coelho Neto (1980), Foucault (1988) e Marcuschi (2007). Como *corpus* da pesquisa, foram escolhidas duas capas de livros infantis compostas por ilustrações que abordam a temática da morte. Assim, as imagens das capas foram analisadas de acordo com a semiótica peirciana, fundamentando-se em suas categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade, focando na subdivisão do signo em relação ao seu objeto, o qual é composto pela seguinte sequência: aspecto icônico, aspecto indicial e aspecto simbólico.

2 GÊNERO TEXTUAL CAPA DE LIVRO

Os gêneros textuais são os diversos meios de comunicação utilizados para realizar a interação entre os indivíduos. É desde uma carta até uma mensagem enviada por meio das redes sociais. Esses gêneros permitem que a comunicação se efetue nos mais variados ambientes, sejam formais ou não. Por conta disso, são utilizados também nas escolas como instrumentos de ensino da língua materna em seus mais variados usos. Os gêneros textuais, portanto, são históricos e estão em constante evolução, pois estão ligados à vida social e cultural. Nesse contexto, confirmando o que foi dito anteriormente, Marcuschi (2007, p. 19) diz que:

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Por outro lado, Bakhtin (2010) refere-se a esses gêneros utilizando o termo *gêneros dos discursos* e os conceitua como os tipos relativamente estáveis de

enunciados. Para o teórico, a comunicação ocorre através dos gêneros dos discursos porque só é possível falar ou escrever por meio deles. Ainda segundo o autor, são necessários três elementos para a definição de um gênero. O primeiro é o seu conteúdo temático, o segundo é o seu estilo (estrutura) e o terceiro é a sua construção composicional (linguagem). Assim, cada enunciado é produzido em um determinado contexto e cada ato comunicativo evoca um determinado gênero. Por isso, há uma diversidade de gêneros e, em cada época, novos gêneros vão surgindo de acordo com a necessidade dos falantes.

Entre os diversos gêneros textuais existentes, há o gênero textual "Capa de livro", o qual foi escolhido como foco deste trabalho. As capas de livros possuem várias funções, e a principal delas é a possibilidade de proporcionar ao leitor uma prévia sobre o conteúdo que será abordado. No que se refere aos elementos que compõem a sua elaboração, a capa de livro é formada por um título, nome do autor, editora, ano da publicação, nome da ilustradora (quando houver) e ilustrações.

Em relação à elaboração das capas, elas são realizadas pelos próprios autores dos livros ou pelos chamados ilustradores ou capistas, especialistas do mercado editorial em fazer o *design* de capas de livros. Assim, é importante dar atenção também para a elaboração da capa, sendo de suma importância que apresente uma boa aparência, a fim de repassar a mensagem que a obra apresenta de forma que desperte o interesse pela leitura.

Diante desses aspectos, percebe-se que a capa de um livro é um gênero muito importante, pois um livro com uma boa capa possui grande chance de atrair os leitores por funcionar como uma espécie de vitrine para o conteúdo do livro. Por isso, a boa apresentação de um livro começa pela capa, esse instrumento é uma peça fundamental na composição de um livro, já que muitas vezes a capa traz indícios para o leitor sobre o que a obra trata e serve também como uma leitura complementar. Geralmente, ao se deparar com um livro, o olhar passa primeiro pela capa, e se a capa não for boa, o consumidor não se sente atraído em comprá-lo, uma vez que a capa influencia a impressão que o leitor terá do livro. Assim, para confirmar o exposto, Carvalho (2008, p. 17) aborda que:

A capa condensa numa única imagem a personalidade do livro, que pode ser uma referência a um momento marcante da narrativa ou um resumo dos acontecimentos. Ela é o resultado de um processo de interpretação e a sua

dimensão simbólica torna-se muitas vezes dominante sobre uma tradução literal do título ou das descrições feitas no livro. Desta forma, a capa consegue alguma independência sobre o livro, uma vez que não há um choque direto entre as duas realidades, a descritiva e a visual, que existem lado a lado mas sem sobreposição. Por vezes a capa torna-se a imagem de marca do livro, ficando para sempre na memória do público.

3 SEMIÓTICA PEIRCIANA

A semiótica é uma ciência estudada por diversos teóricos, mas neste trabalho o foco é a semiótica norte-americana elaborada por Charles Sanders Peirce (1839-1914). Ele foi um cientista, químico, matemático, físico, astrônomo, e acima de tudo, um lógico. Peirce fundamentou sua teoria na fenomenologia e conforme Santaella (2004, p. 33), fenômeno “é tudo aquilo que aparece à mente, corresponda a algo real ou não”. Assim, Peirce afirmava que a semiótica estuda todo e qualquer fenômeno, ou seja, algo abstrato ou acontecimento no mundo real.

A semiótica ou lógica é uma área ligada também à filosofia, e como a filosofia leva o indivíduo a observar, pensar e refletir; a semiótica também se valerá desses aspectos. Por conta disso, a relação fenomenológica, de certo modo, é paralela às categorias de Peirce. Percebe-se, então, que no primeiro contato com o objeto, observa-se apenas o fenômeno aleatoriamente, assim como na Primeiridade. No segundo momento do fenômeno inicia o processo de associação do pensamento com o existente, ou seja, sai do superficial e começa a manifestação do que há na realidade. No terceiro momento o indivíduo refletirá e interpretará o que está por trás desse fenômeno, sempre de acordo com cada vivência, assim como ocorre na Terceiridade.

Desse modo, é válido mencionar que o mundo moderno (do consumismo) contraria esses princípios da filosofia, pois não instiga esses aspectos da imaginação, apenas o imediato, o qual não incita a pensar e refletir.

3.1 Conceito de semiótica

A palavra semiótica surgiu do grego “*Semeion*” que significa signo. É considerada, portanto, “a ciência geral de todas as linguagens” e tem como “objeto de investigação todas as linguagens possíveis” (SANTAELLA, 2004. p. 13).

Evidentemente, a semiótica estuda os processos comunicativos que ocorrem em diferentes línguas e linguagens e busca compreender como os indivíduos conseguem fazer interpretação das coisas ao seu redor. Nesse contexto, compreende-se que ela estuda tanto a produção como a significação e os sentidos de quaisquer signos na linguagem.

Para Pignatari (2005, p. 20) a semiótica “serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem”, ou seja, a semiótica estabelece a relação entre um signo com um outro signo.

3.2 Língua

Entende-se por Língua um conjunto de códigos existentes para formalizar a comunicação dos indivíduos, esse código gerará a comunicação do locutor para o receptor. No Brasil, a língua nativa é a língua portuguesa, por meio dela os brasileiros se comunicam no país, assim como outros países possuem a sua própria língua, ou seja, seu próprio código de comunicação. Diante disso, nota-se que através de cada língua são formadas diversas linguagens que são diferentes formas de expressar essa comunicação (língua), levando em consideração que esse processo se dará de acordo com a cultura e o contexto em que cada povo se encontra. Resumindo, a língua é considerada um fato social, pois ela é a mais pura manifestação da linguagem. Para confirmar o que foi dito, Saussure (1970, p. 17) salienta o que vem ser a língua:

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

3.3 Linguagem

Em relação à linguagem, pode-se dizer que ela é o meio pelo qual o ser humano consegue se comunicar e interagir com o outro. Nessa perspectiva, compreende-se que por intermédio das linguagens os seres humanos se compreendem e cada linguagem funciona como elemento de comunicação para que ocorra a produção de sentido. Por isso, a linguagem como forma de manifestação de pensamento está no

mundo fazendo parte da nossa evolução. Referente a isso, Santaella (2004, p. 15) afirma que “as linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem”.

As linguagens podem ser verbais e não verbais, sendo que cada contexto evoca uma modalidade, assim as mais variadas manifestações podem se dar através de um contexto. Por exemplo: um áudio, uma imagem, uma dança, pela linguagem de semáforo, de Braille. Pode-se dizer que cada grupo social irá compor a sua linguagem conforme a ocasião, a qual influenciará na finalidade pretendida. Por isso, é possível afirmar que a língua e a linguagem são os meios pelo qual realizam a interação social dos seres humanos.

3.4 Signo

Em relação ao signo, Peirce (2005) denomina como qualquer coisa que possui um significado para alguém. Nesse sentido, o signo é caracterizado como tudo aquilo que remete a alguma coisa através de um som, um texto, uma dança, uma imagem, um cheiro, enfim, tudo o que é possível interpretar e produzir significação representa um signo. Corroborando com esse pensamento, Santaella (2004) diz que só pode ser considerado signo algo que pode representar, ou melhor, ser substituído por outra coisa. Contudo, é importante lembrar que o signo não é o próprio objeto, ele apenas o representa, por conseguinte ele está sempre no lugar de outra coisa, visto que essa é a sua marca (sinalizar algo). Portanto, um signo só é constituído como tal quando puder representar algo, ou seja, se produzir sentido para alguém, o interpretante. Corroborando com esse pensamento, Fidalgo e Gradim (2005, p. 151-152) acrescentam:

Será signo então tudo aquilo que for interpretado, com base num determinado fundamento, como estando por um qualquer objecto, produzindo um interpretante, que é uma regra ou hábito, de transformar um signo num signo consequente. A significação está inteiramente dependente desta cadeia de pensamento, em que interpretantes se vão continuamente traduzindo uns aos outros, permitindo a formação de uma ideia cada vez mais apurada do seu objecto.

Assim, a tricotomia básica para entender o funcionamento do signo se dá pela relação tríade de Signo ou representante-objeto-interpretante. Um exemplo disso é o

signo caneta, em que a palavra caneta se apresenta sendo um signo (sinal) que está produzindo uma relação com o objeto caneta e o interpretante será a formação psíquica desse objeto real na mente do indivíduo, que pode ser uma lembrança, uma sensação, ou seja, o que há mentalizado em cada mente.

Diante disso, confirmando o que foi dito anteriormente, de que um signo apenas representa a coisa e não é a própria coisa, na obra de Foucault (1988), denominada “*Isto não é um cachimbo*”, o autor coloca a imagem de um cachimbo na capa do seu livro (obra de arte de Magritte) e no decorrer da obra afirma:

“Isto não é um cachimbo, mas o desenho de um cachimbo”, “isto não é um cachimbo, mas uma frase dizendo que é um cachimbo”, a frase: “isto não é um cachimbo”, não é um cachimbo; na frase: “isto não é um cachimbo”, isto não é um cachimbo: este quadro, esta frase escrita, este desenho de um cachimbo, tudo isso não é um cachimbo. (FOUCAULT, 1988, p. 35).

Percebe-se, neste trecho, que o enunciado parece contraditório com a imagem, mas ele está certo em suas palavras. A imagem é apenas uma representação de um cachimbo (signo) e não o objeto real. É, portanto, uma espécie de objeto imediato do signo, pois o cachimbo está sendo representado por meio da fotografia, realizando essa ligação com um cachimbo real.

3.5 Categorias

Em relação à divisão do signo, Peirce (2005, p. 51) fez a seguinte divisão:

Os signos são divisíveis conforme três tricotomias; a primeira conforme o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; a segunda, conforme a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto ou em relação com um interpretante; a terceira, conforme seu interpretante representa-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato ou com um signo de razão.

Como Peirce dividiu os signos em três categorias (Primeiridade, Secundidade e Terceiridade) para que se possa analisar qualquer fenômeno, essa divisão foi a base para a subdivisão de como ocorre a relação do signo com ele mesmo, com o objeto em si e em relação ao seu interpretante e suas tricotomias, como mostra o quadro 01 a seguir:

Quadro 01 – Divisão dos signos conforme Peirce

DIVISÃO DOS SIGNOS			
Categoria	O signo em relação a si mesmo	O signo em relação ao objeto	O signo em relação ao interpretante
Primeiridade	Qualissigno	Ícone	Rema
Secundidade	Sinsigno	Índice	Dicissigno
Terceiridade	Legissigno	Símbolo	Argumento

Fonte: adaptado de Coelho Netto (1980, p. 62).

3.6 Tricotomia

Diante disso, este trabalho concentra seus estudos na segunda tríade, ou seja, o signo em relação ao seu objeto. Conforme Peirce (2005), a divisão dos signos mais importante são as constituídas em ícones, índices e símbolos.

3.6.1 Ícone

Para Peirce (2005, p. 52) “Qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é ícone de qualquer coisa, à medida em que for semelhante a essa coisa é utilizado como um seu signo”. De acordo com o que foi exposto, o ícone é, portanto, aquilo que vai apresentar o objeto através de uma similaridade ou possibilidade. Porém, vale lembrar que seu papel não é representar nada, apenas se apresentar e isso se dará através de formas e sentimentos, por intermédio dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar, tato). É por isso que uma simples cor pode funcionar como um signo, pois ela é apresentada através da visão. Nesse emblema, um exemplo da qualidade visual é a cor preta, que para a maioria das pessoas da cultura ocidental indica o luto. Assim, uma simples cor pode produzir uma cadeia associativa que pode fazer lembrar e sugerir a algo, por possuir semelhança com o objeto exposto.

Em concordância com o exposto, Hall (2008, p. 14), afirma que “qualquer ícone carrega um nível de semelhança entre o significado e o significante. O grau de similaridade pode ser alto ou baixo”. Assim sendo, o autor confirma a ideia de que será ícone qualquer coisa que seja semelhante com seu objeto independente de realmente ser aquilo ou não, pois o que constitui um ícone é a sua mera semelhança, independentemente da existência. Por conta desses fatores, nesta fase não há existência, porque o existir se encontra no aspecto indicial, ou seja, está apenas na área da possibilidade, observação, contemplação e descrição do presente. Logo, é possível afirmar que “um ícone é um signo que se refere ao objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui, quer um tal objeto realmente exista ou não.” (PEIRCE, 2005. p. 52).

3.6.2 Índice

Conforme Peirce (2005, p. 67) “Tudo o que nos surpreende é o índice, na medida em que assinala a junção de duas porções de experiência”. O índice é uma espécie de recorte do existencial porque sempre tem relação com a realidade, mas vale lembrar que nesta relação ele estará apenas representando ou indicando a coisa e nunca será a coisa em si.

Portanto, “O índice, como o seu próprio nome diz, é um signo que como tal funciona porque indica uma outra coisa com o qual ele está factualmente ligado. Há, entre ambos, uma conexão de fato”. (SANTAELLA, 2004, p. 66). Para a autora, o índice é uma coisa que sempre tem ligação com outra coisa, por isso é caracterizado como dualista, porque estará sempre ligado com aquilo que existe na realidade.

3.6.3 Símbolo

O símbolo “é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto”. (PEIRCE, 2005, p. 52). Entende-se por símbolo, então, uma associação de ideias geradas por meio de uma conversão. A cor preta como símbolo do luto é um exemplo disso, um outro exemplo de símbolo se dá na seguinte situação: imagina-se a utilização da interjeição

“égua” sendo dita por um paraense em uma localidade do Pará, onde há duas pessoas por perto, um paraense e um cearense. É notório que para o ouvinte paraense haverá significação, pela utilização do termo ser conhecida e particular do seu contexto cultural. Já para o cearense, a palavra não produzirá sentido, visto que não é uma fala de seu contexto social e local. E, por mais que ele entenda que exista um animal com esse nome, a utilização da palavra foi dita como uma expressão de sentimento, portanto não haverá produção de sentido no contexto em que foi pronunciada, pois a significação deste objeto vai além do que está sendo dito.

Nesse contexto, para que haja a formação de um símbolo é necessário que o objeto representado já tenha significação e seja produtor de sentido para o interpretante, pois nas palavras de Peirce (2005, p. 73) “é apenas a partir de outros símbolos que um novo símbolo pode surgir”. Diante do exposto, é possível constatar que o símbolo só produz sentido se este remeter a algo anterior, caso contrário, não terá significado algum para o interpretante.

4 O LUTO INFANTIL NO CONTEXTO PANDÊMICO

Em março de 2020, quando a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou a pandemia mundial da Covid-19, muita coisa mudou globalmente. Com a expansão da doença que acometeu quase toda a população, muitos dos que foram contaminados, não sobreviveram. A partir disso, o número de mortes por dia aumentava drasticamente, toda a população vivenciou e ainda vivencia o luto por um ente querido. Assim, se o luto já é um acontecimento de difícil aceitação para os adultos, para as crianças é uma questão ainda mais complicada. Nesse cenário, o universo infantil teve de enfrentar o que até hoje é um assunto visto como um tabu nas escolas, o luto.

Uma pesquisa feita pela revista científica *The Lancet*, publicada no dia 21 de julho de 2021, informou que mais de um milhão de crianças ficaram órfãs de mães e pais por causa da pandemia da COVID-19. A coleta da pesquisa se deu no período de 1º de março de 2020 a 30 de abril de 2021, realizada em 21 países. Além disso, a pesquisa apontou também que o Brasil ocupava a 4º colocação, onde duas crianças a cada mil perderam um genitor ou uma outra pessoa próxima.

Diante disso, considerando o contexto pandêmico atual, no qual muitas crianças ficaram órfãs, perdendo entes e amigos queridos, e como o assunto sempre foi temido, hoje se vê a necessidade de pais e professores abordarem sobre essa temática com as crianças. Essa é uma forma de prepará-las e auxiliá-las na compreensão desses acontecimentos, o que pode ajudar também no processo de amenização das questões emocionais que o momento atual trouxe à humanidade.

4.1 Capas de livros infantis sobre a morte

É notório que a morte faz parte da vida de todos, por isso é essencial abordar essa temática com as crianças, pois elas também ficam enlutadas. Nesse sentido, o primeiro ambiente onde a criança passa boa parte da sua vida é a casa dela, e em segundo lugar, a escola. Portanto, é nesses ambientes que o assunto deve ser trabalhado.

Conforme *Aberastury (1984)*, muitas vezes as crianças expressam através da linguagem não verbal o seu medo pela morte. Os adultos sempre desviam essa conversa com as crianças pensando em protegê-las da dor e por achar que elas não compreendem esse tipo de acontecimento nessa fase. Contudo, é preciso tratar a temática com os pequeninos, visto que este episódio faz parte da humanidade e a todo momento esse acontecimento está presente na sociedade.

Diante dos fatos mencionados, uma boa alternativa para essas abordagens são livros infantis que narram sobre essa temática. Por intermédio desses instrumentos, as crianças compreendem, de forma mais dinâmica, todo e qualquer assunto que se pretende abordar. Além disso, os livros infantis proporcionam o letramento visual, pois como são cheios de imagens, eles instigam a criatividade da criança, já que nessa faixa etária elas interagem bastante pela linguagem não verbal.

Por conta disso, o primeiro elemento que a criança tem contato ao pegar um livro, é a sua capa. Quando bem elaboradas, as capas possuem o poder de impulsionar a imaginação da criança bem como a reflexão sobre a temática abordada. Diante disso, constata-se que as capas de livros, por si só, já podem causar um impacto na mente do pequeno leitor e podem ser trabalhadas para abordar diversas temáticas, inclusive sobre a morte e luto, já que nessa fase elas utilizam muito a linguagem não verbal. Em vista disso, de acordo com Fidalgo e Gradim (2005), há um

vasto caminho na comunicação não verbal e muito se pode comunicar não verbalmente.

Nesse sentido, é válido lembrar que este impacto das capas de livros na mente do consumidor tem relação com a estratégia de *marketing* do produto, visto que os elementos pensados para sua composição é o que pode ou não gerar o interesse do leitor pela obra.

5 ANÁLISE SEMIÓTICA DAS DUAS CAPAS DE LIVROS INFANTIS

5.1 Ilustração 1: livro “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”

A obra “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” foi escrita pelo dinamarquês Glenn Ringtved, um escritor de literatura para o público infantil, juvenil e adulto, o qual já escreveu mais de 40 livros, sendo que o livro analisado foi o primeiro a ser publicado pela companhia das letrinhas.

Através de uma linguagem poética, o livro narra a história de quatro crianças que estão tristes porque a avó delas está muito doente e prestes a morrer. De repente, alguém bate na porta da casa delas e, ao abrirem, as crianças se deparam com uma senhora vestida de preto, que se apresenta como a morte. No decorrer da narrativa, as crianças tentam fazer de tudo para que a morte não leve a avó, mas quando começa amanhecer, a representação da morte conta uma história para as crianças com a intenção de repassar a mensagem de que a vida não teria sentido e valor, se não existisse a morte. Assim também ocorre com o sentimento de alegria, se não houvesse a tristeza. Então, a personagem da morte entra no quarto e ao ir embora pela janela, as cortinas se movem como sinal de que a alma da avó das crianças voou, restando apenas saudades.

Vejamos a capa do livro na figura 01 a seguir:

Figura 01 – Capa do Livro “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”



Fonte: Amazon³

a) Aspecto icônico:

De acordo com o aspecto icônico, ao nos depararmos com a capa, notamos que a imagem presente nela se trata de um ícone. Essa inferência se dá pela semelhança com o objeto: a imagem de uma criança, uma senhora e uma cozinha. Neste primeiro momento, nota-se a presença de um enunciado no canto esquerdo da capa escrito com a coloração preta destacando o título do livro denominado “*Pode chorar, coração, mas fique inteiro*”. Além disso, na parte superior do título, estando na mesma simetria, há dois nomes femininos escritos na coloração vermelha e com letra maiúscula. O primeiro nome é o do autor do livro “GLENN RINGTVED”, o segundo é o da ilustradora da capa “CHARLOTTE PARDI”. Já na parte inferior ao título, ainda na mesma simetria, está presente o nome e símbolo da editora do livro, a “Companhia das letrinhas”.

No centro da capa há um desenho de algo que sugere ser uma criança de cor branca. Os seus cabelos são claros, assemelham-se a um loiro escuro e estão amarrados por um prendedor. A criança está vestida com uma blusa de manga comprida na cor vermelha. Ao seu lado, há uma outra pessoa que se assemelha a

³ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Pode-chorar-cora%C3%A7%C3%A3o-fique-inteiro/dp/8574068942> Acesso em: 27 set. 2021

uma senhora, ela está vestida com um casaco e capuz na cor preta. Há também nesse ambiente objetos como: uma mesa branca, uma xícara na cor branca com alguns detalhes azuis. No fundo da imagem, vemos algo parecido com uma janela coberta por uma cortina rabiscada por linhas vermelhas na posição vertical e horizontal. Também é possível perceber a presença de um armário encostado na parede em volta de um ambiente semelhante a uma cozinha com fundo na coloração cinza.

b) Aspecto indicial:

No que concerne ao aspecto indicial, a imagem representa um recorte de um acontecimento, no qual uma criança e uma senhora estão em uma cozinha e a senhora está tomando café durante o diálogo. A criança apresenta um semblante triste durante a conversa e está indicando uma pessoa enlutada. Já a senhora vestida com a capa preta dá indícios de que está representando a figura da morte. Além disso, é possível constatar também que cor vermelha na blusa da criança possui um significado por trás, pois o vermelho representa a paixão, amor, coração e sangue. Nesse sentido, a criança vestida dessa forma, representa o amor, pois alguém que ela ama está indo embora, nesse caso o vermelho em sua blusa, perto do coração, infere o amor da criança pela sua avó. Também indica um coração ferido que está sangrando pela partida de alguém que ela ama. Já em relação à cor cinza presente na imagem, ela indica as cinzas de alguém quando morre. Nesse contexto, representa uma casa cinza sem cor, um lugar apagado, bem como as cinzas da avó que se foi. Os objetos presentes no ambiente, como a xícara, a mesa, uma cozinha, uma janela e um armário de guardar louças, são objetos que compõem uma cozinha no mundo real indicando o tipo de cenário em que a história se passa. Assim, é possível constatar que a capa apresenta indícios do conteúdo do livro, ou seja, o tratamento sobre o tema morte e luto. Assim, as ilustrações são uma espécie de índice que faz a conexão com a história da obra indicando a temática em questão e ações que acontecerão.

A presença da linguagem verbal, nomeando o título, refere-se a uma passagem do livro em que há um diálogo entre a senhora (representatividade da morte) e a criança, e tem o intuito de confortá-la de sua dor. Nesse enunciado, ela quer passar a mensagem de que a criança pode ficar triste, viver seu luto, mas quando utiliza o

vocativo entre vírgulas “Coração”, usa o sentido figurado para se referir à criança, chamando-a de coração, mas ao mesmo tempo dando o sentido de um coração que no caso é o da criança que está em luto e, posteriormente, diz: “mas fique inteiro” dando a entender que ela não deve se despedaçar e perder a alegria da vida por sua avó ter morrido. É como se estivesse dizendo para ela viver aquele sentimento de tristeza, saudade, sofrimento, mas também como um alerta à menina para não demorar a se recompor, a aceitar o acontecimento e superar em um tempo não muito longo. Além disso, o enunciado tem relação com a imagem, pois é durante o diálogo ilustrado na imagem que essa frase é dita.

c) Aspecto simbólico:

Tratando-se do aspecto simbólico, o momento de produção de sentido, vemos que a imagem está repassando uma mensagem por trás, um momento de luto. Além disso, a xícara sobre a mesa está simbolizando este momento. Ou seja, uma casa que está em luto, pois quando alguém falece, é tradição passar a noite acordado conversando e tomando uma xícara de café enquanto se vela o corpo do falecido.

É sabido, então, que desde a antiguidade, utiliza-se a cor preta para representar o obscuro, o ruim, o luto, o mal. Por conta disso, nota-se que é tradição ir de roupa preta a um velório, sem contar que muitas famílias costumam colocar um pano preto em frente à sua casa quando morre alguém, visto que essa cor transmite dor, angústia, tristeza, luto, além de simbolizar o desconhecido que nesse caso é a morte, e é essa a mensagem pretendida ao caracterizar a personagem da capa com uma vestimenta dessa cor.

Assim, visto que as ilustrações presentes na capa deste livro remetem ao tema do luto, nota-se que há uma estratégia de *marketing* nesse objeto. Cada criança que vivenciou o luto pode se lembrar de alguém através da visualização daquela capa, por isso, a capa constitui uma estratégia de *marketing*, pois uma ilustração cativa o leitor a adquirir determinada obra desconhecida. A utilização de cores fortes também chama a atenção das crianças para a leitura, assim o escritor consegue ter êxito, resultando em uma relação de causa e efeito.

Em concordância com isso, Guimarães (2004), diz que a cor consiste em uma informação. As cores representam diversas funções de acordo com o contexto em que

estão inseridas, por isso a escolha de cada cor representada na imagem tem uma informação e que se quer passá-la. Nesse emblema, a cor preta é uma forte influência, se não a maior nesta capa, pois desempenha o papel de simbolizar a temática em questão, ou seja, o tema da morte.

Deste modo, verifica-se que todos os elementos que constituem a capa foram compostos com o intuito de criar um significado e repassar ao público-alvo, o infantil, a temática da morte e do luto. No entanto, ressalta-se que a produção de sentido se dará dependendo de cada vivência e contexto social.

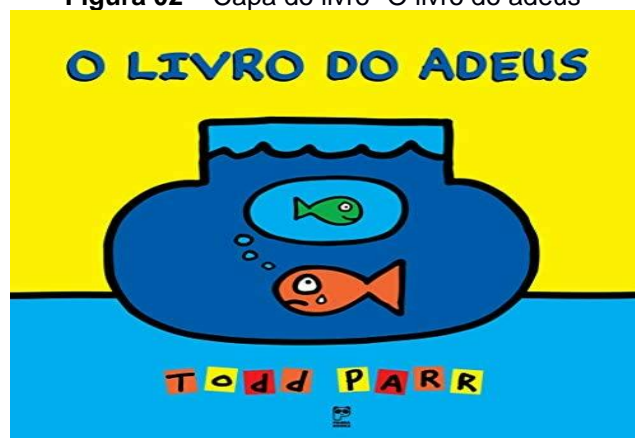
Portanto, a temática ainda é considerada um tabu e utilizar-se de um livro para abordar o assunto, inserindo a criatividade em suas ilustrações e possibilitando uma forma diferente de repassar o conteúdo, consiste em uma boa estratégia de venda, pois as crianças são muito visuais, assim sendo, o uso de cores fortes e linguagens não verbais é a melhor forma de atraí-las para a aquisição.

5.2 Ilustração 2: o livro do adeus

“*O livro do adeus*” tem como autor Todd Parr, um americano escritor, ilustrador e produtor de TV. A obra conta a história por meio de ilustrações e textos verbais sobre como é difícil dizer adeus a alguém. O autor repassa a mensagem de que mesmo sendo difícil lidar com esse sentimento, é bom ficar apenas com as lembranças boas vividas junto da pessoa que se foi. Isso fará lembrar sempre com um sorriso no rosto, dos momentos vividos ao lado daquela pessoa querida que já partiu.

Vejamos a capa do livro na figura 02 a seguir:

Figura 02 – Capa do livro "O livro do adeus"



Fonte: Amazon⁴

a) Aspecto icônico:

Inicialmente, é possível perceber um enunciado escrito na cor azul-marinho na parte superior da capa que se refere ao título do livro chamado “O livro do adeus”. Já na parte central da capa há uma imagem de um aquário o qual sugere que está cheio de água. Dentro desse ambiente há uma imagem de um peixe na cor laranja, o peixe apresenta um semblante triste e uma gota de água parece descer de seus olhos, o que se assemelha a uma lágrima. Além disso, ele está com a expressão pensativa, olhando para o lado. Já na parte superior ao peixe, há um balão, o qual sugere a lembrança de um outro peixe. Desta feita, cores fortes compõem a capa do livro, como o azul-marinho, azul-claro, amarelo, preto, branco e laranja. Já no final da capa está escrito nas cores laranja, vermelho e amarelo “*Todd Parr*”, destacando o nome do escritor do livro.

b) Aspecto indicial:

Os elementos que compõem a capa indicam elementos da realidade, como a representação de um peixe e um aquário. Nesse sentido, vale lembrar que é costume de muitas pessoas terem em sua casa um peixinho de estimação. Também é importante mencionar que a cor azul presente nesse aquário corresponde à coloração do mar azul, o que proporciona uma relação entre ambas. Além disso, a presença da coloração verde no peixe lembra a cor da natureza e da ecologia, indicando assim a natureza de onde o peixe faz parte, sendo uma representatividade do que há no mundo real.

Em relação às expressões de tristeza na fisionomia do peixe e ao balão que remete a uma lembrança, esses elementos dão indícios de um peixe que perdeu alguém querido que está apenas no pensamento dele, na memória. Isso, então, indica uma história vivenciando um luto. Por conta disso, há uma relação de causa e efeito entre a ilustração e o título que o livro recebeu “O livro do adeus”.

⁴ Disponível em: https://www.amazon.com.br/livro-do-adeus-Todd-Parr/dp/8578886771/ref=pd_lpo_3 Acesso em: 22 set. 2021

Além disso, não se deve desconsiderar que o peixe remete às pessoas, pois a expressão de tristeza é típica dos humanos ao perderem um ente querido, por exemplo.

c) Aspecto simbólico:

No que se refere à representação existente por trás das ilustrações, o intuito do autor é abordar a temática da morte por meio de personagens comuns nesse universo. Sob essa ótica, é possível perceber que a imagem serve para refletir sobre o luto em vários aspectos e utiliza o símbolo do peixe como estratégia porque é um objeto presente no contexto de muitas crianças, fazendo essa relação com a realidade.

Assim, a imagem representa a temática da morte e o sentimento do luto em seus mais variados aspectos. O luto da saudade de alguém distante, o luto da morte, em que só restam as lembranças. Neste caso, as ilustrações despertam na criança a lembrança de uma perda que pode ser a de um peixinho que já morreu, ou uma lembrança de uma pessoa querida que já se foi. É válido lembrar que o nome do autor escrito em letras soltas não está à toa nessa posição. Elas estão nessa posição fazendo uma relação da vida com o balançar das ondas do mar, porque pretende-se passar ao leitor, a mensagem de que mesmo com as adversidades que surgem (Como um processo de luto), a vida precisa continuar. Por isso, nada está por acaso em uma capa de livro. Cada detalhe é pensado com o intuito de repassar uma mensagem e produzir um sentido para o leitor.

Por fim, é perceptível que há uma estratégia de *marketing* ao inserir cores fortes na composição da capa. A psicologia das cores fala que escolha de cores é uma forte influência na escolha do produto. Segundo *Guimarães (2004)* para atrair o público infantil é importante utilizar cores fortes como azul, vermelho, laranja, verde, amarelo, visto que são cores de fácil percepção. Assim, a utilização dessas cores na capa acima, são estratégias para chamar a atenção desse público a quem a obra se destina, sem contar que as próprias ilustrações presentes nos livros infantis possuem esse poder de persuasão, visto que nessa etapa as crianças são muito visuais, o que atrai a atenção delas para esse tipo de linguagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs, como objetivo geral, aplicar a teoria semiótica no gênero capa de livro. Para isso, foram discutidos de forma ampla os conceitos semióticos peircianos de signo e seus aspectos icônico, indicial e simbólico. Percebe-se que essas categorias de análise se fazem presentes nas capas de livros e permitem uma alternativa de compreensão e significação textual. A semiótica, assim, é mais uma ferramenta teórica que ajuda na construção dos sentidos do texto não verbal.

As capas de livros são gêneros textuais capazes de serem analisados semioticamente, visto que elas apresentam determinada temática, representando através de signos próximos à realidade do público-alvo, causando significação e produção de sentido a quem se destina. Além disso, vale ressaltar que as capas de livros, assim como qualquer outro objeto, só poderão funcionar como signo se produzirem sentido e significação para o intérprete. Tal fato ocorre dependendo das experiências vividas de cada indivíduo, pois só assim funcionará como signo, se houver uma mente que interprete aquilo como algo que produz sentido.

Desta feita, fica evidente que a análise semiótica peirciana pode ser aplicada em qualquer gênero textual. Além disso, pode ser utilizada nas escolas como uma ferramenta teórica tanto nas aulas de língua portuguesa, quanto em outras disciplinas, como forma de compreender e interpretar os mais variados fenômenos existentes, sendo possível também aplicá-la desde o público infantil até o adulto.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Porto Alegre: Artmed. 1984.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2010

CARVALHO, Ana. **A capa de livro: o objecto, o contexto, o processo**. 98 p. 2008. Dissertação (Mestrado em Design da Imagem) - Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto, 2008.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FIDALGO, António; GRADIM, Anabela. **Manual de Semiótica**. Covilhã: LABCOM/UBI, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Trad. Jorge Colli. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultura da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2004.

HALL, Sean. **Isto significa isso. Isso significa aquilo**: guia de semiótica para iniciantes. Trad. Andréa Mariz. São Paulo: Rosari, 2008.

HILLIS, Susan D et al. Estimativas mínimas globais de crianças afetadas por orfandade associada a COVID-19 e mortes de cuidadores: um estudo de modelagem. **The Lancet**. V. 398, Ed.10298, p. 391 – 402, jul. 2021. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)01253-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)01253-8/fulltext). Acesso em: 28 ago. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A., MACHADO, A.; BEZERRA, M. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PARR, Todd. **O livro do adeus**. 1. Ed. São Paulo: Panda Books, 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura**. 6. Ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

RINGTVED, Glenn. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. 1. Ed. São Paulo: Thomson, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.